

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico Talhava — Lisboa • Telephone F 1020
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DESCRIMINANDO RESPONSABILIDADES

Não se lança em greve uma classe de produtores sem que poderosos motivos a forcem a isso. Grandes são os riscos que se correm numa greve, e a vitória, em movimentos reivindicadores, só à custa de indizíveis sacrifícios se obtém. A declaração duma greve diante dos grevistas em um enigmático ponto de interrogatório. Um triunfo? Uma derrota? Sabe-se lá bem o que virá a suceder no momento em que a luta se inicia! O que se sabe é que se joga muito, porque se joga o pão. Por isso, antes de declarar-se em greve, uma qualquer corporação de trabalhadores, é o caso pensado longe e maduramente. Aparecem nas assembleias operárias os exaltados, os impulsivos, os que desejam e defendem a greve em qualquer altura, mas também lá aparecem os prudentes e os reflectidos, os que só votam a greve em último extremo. Estas duas correntes contrabalançam-se, e dissolvem o equilíbrio, o meio termo para a análise dos factos, a marcação duma conduta operária que não pece por precipitação nem dá caracterizar-se de pusilânime.

Ora vemos: nós esboçado, no presente momento, um grandioso movimento grevista. Paralisou já uma classe, a dos marítimos, e bate-se bem que importante papel a ela desempenha na vida da nação, e também não é difícil avaliar a grandeza dos transtornos que uma semelhante greve provoca, num país em que os transportes de há muito escassejam, sendo esta uma das causas mais importantes da penúria nacional. A paralisação dos ferroviários do Estado é também já um facto, e é o trabalho desta classe igualmente essencial na vida portuguesa. Mas uma coisa podemos nós assegurar: é que não foram para a greve, por mero capricho, as classes que actualmente se ausentaram do trabalho, como também aquelas que de futuro paralisarem o não farão sem motivo suficiente.

Cabe portanto aqui deslindar responsabilidades e ver onde reside a causa de semelhante agitação grevista. Deriva esta dumha insofrida ambição dos trabalhadores? Evidentemente que não. A greve dos marítimos, por exemplo, moveu-a não o desejo de ganhar mais, o que aliás seria legítimo, mas apenas a salvaguarda da dignidade da classe, menosprezada por um decreto estúpido e vexatório. Os ferroviários do Estado, também agora em greve, é certo que há algum tempo reclamaram melhorias de caráter económico, mas não foram essas reclamações o que os arrastou para a greve; foi, sim, a atitude irritante que para com eles adoptou o governo.

Em relação aos marítimos, sem mais nem menos, fez o governo publicar um decreto que era uma mordça, que era uma algema, que era uma ofensa cuspida sobre classes prestimosas, cuja conduta de nenhum modo pôde já jamais justificar uma tal conduta de qualquer governo. Basta ver este artigo, que é o primeiro:

Ficam autorizadas, provisoriamente, as empresas de navegação, os Transportes Marítimos do Estado e os armadores de navios a vapor a requisitar ao ministério da marinha os oficiais, sargentos e praças necessários para suprir as faltas que haja nas guarnições das suas navios (por motivo de greve).

Louge de manter-se neutro, como devia, nos conflitos suscitados entre o operário e o capital, o governo adoptou esta irritante atitude de insofrível parcialidade. Devidamente, só quem prezava pouca a própria honra, em pouco conteúdo tondo, correspondente, a hora alheia, pode achar falha de razão a greve dos marítimos, que só reclama a abolição do estúpido decreto, e por mor dele, exclusivamente, foi declarada.

Em relação aos ferroviários, o governo, em lugar de estudar convenientemente as reivindicações que foram apresentadas, procurou uma solução harmónica e pacífica, pois uma solução pacífica demonstraram os ferroviários, por várias vezes, desejar, — o governo

EM OVAR Ferroviários da Companhia Portuguesa

Importante reunião na Delegação do Sindicato Ferroviário do pessoal

do C. P.

OVAR, 28.—C. — Foi sob todos os pontos de vista importante, a reunião do pessoal da delegação de Ovar do Sindicato Ferroviário, realizada ontem, 27, a fim de ouvir os delegados da Comissão de Melhoramentos, Costa, presidente da mesma, Enrique Rijo e o delegado do Sindicato, o camarada tesoureiro Correia de Lima.

Aberta a sessão pelo camarada Joaquim Martins, convidou para secretariar os camaradas Garcia e Zeferino, sendo lido um telegrama do camarada Costa, comunicando que perdera o combóio, que seguia no n.º 3.

Antes da ordem do dia usou da palavra o camarada Rijo, que diz que é com mágoa que registou que o pessoal das várias secções não apresentou reclamação alguma à Comissão de Melhoramentos, abandonando-a, não lhe dando a força moral que era mistér dar-lhe. Igualmente registou com profundo desgosto que uma grande parte da classe, porque faz negócios ou esteja em situações privilegiadas, não se importa com aqueles que estão a morrer de fome. Censura esses camaradas e declara que em qualquer parte onde se encontre e faça uso da palavra, não poupará aqueles que se mancomunam com os assimiladores e causadores da miséria pública.

Historia a última greve e diz que se a perdemos foi mais devido ao ódio dos comerciantes que às casmurrices do sr. Sá Cardoso. Diz que entre a classe ferroviária há uma parte de novos ricos, outra de negociantes milicianos, o que é a vergonha das classes operárias, havendo ainda uma outra parte que nada se interessa pela organização.

Declara ter a humildade precisa para se não deixar subornar pelo comércio ladraço e cita o facto dum neogocio que ter oferecido 3.000\$00 para despachar um vagon de açúcar, conseguindo-o numa outra estação, resultando ser demitidos dois camaradas do movimento, confessando com honra ter sido o seu causador.

E a quem cabe a responsabilidade destes factos gravíssimos?

Vejamos, e interrogemo-nos sobre se podiam os marítimos e os ferroviários adoptar atitude diferente daquela que adoptaram. É claro que podiam. Mas cobravam-se de opróbrio e de vergonha, porque tinham engolido uma afronta sem um protesto, sem uma dignificante manifestação do protesto. A responsabilidade de tudo o que se passa cabe integralmente ao governo. Ele humilhou, ele ofendeu, ele provocou. Ele suportou encarregado de dirigir um rebanho de carneiros, mansos, lanudos, sofredores. Ele preferiu as atitudes arrogantes dum Cesar omnipotente ante escravos prostrados, à conduta conciliadora que a época aconselha e impõe. O governo, que não tem força e qualquer dia aí se estende miseravelmente, blasfona de tese, de implacável, de potente. Humilhou, ofendeu, provocou. Os provocados, os ofendidos, nada mais fizeram do que responder como lhes cumpria. O que tiver de suceder, sucederá. Mas é bom ir discriminando desde já responsabilidades — para os devidos efeitos.

Segue-se Abílio Correia, que lamenta que o camarada presidente da Comissão de Melhoramentos tivesse faltado, pois ele tudo sacrificou para vir, não podendo deixar de pedir que na acta ficasse exarado o seu protesto perante a negligência daquele camarada. Não fazendo parte da Comissão de Melhoramentos, limita-se a fazer algumas observações sobre a organização, pedindo a todos que não se desinteressem do seu sindicato, pois que é preciso preparar-nos para quando chegarem até os clarões da Revolução, que já é impossível à Companhia atender o pessoal na parte material.

Declara energicamente que o pessoal ninguém tem a nomear, porque nada tem com que as tarifas sejam as mesmas ou outras e que nada tem a tratar com o governo, mas sim com o seu patrão, que é a Companhia. Trata da questão dos passes, regalia de que o pessoal não está disposto a abdicar.

Informa que o sr. Melo e Sousa declarou, sobre esta questão, que os passageiros a quem concedidos só aproveitam aqueles que fazem negócio, encenando de volumes as carroagens, transformadas em vagões de mercadorias. Ainda mais uma vez verbera acremente os ferroviários que assim procedem. Termina pedindo à assembleia que se manifeste sobre a hipótese da Companhia não atender as suas reclamações, respondendo os assistentes ao orador que a greve é que é o caminho.

Segue-se Abílio Correia, que lamenta que o camarada presidente da Comissão de Melhoramentos tivesse faltado, pois ele tudo sacrificou para vir, não podendo deixar de pedir que na acta ficasse exarado o seu protesto perante a negligência daquele camarada. Não fazendo parte da Comissão de Melhoramentos, limita-se a fazer algumas observações sobre a organização, pedindo a todos que não se desinteressem do seu sindicato, pois que é preciso preparar-nos para quando chegarem até os clarões da Revolução, que já é impossível à Companhia atender o pessoal na parte material.

Declara energicamente que o pessoal

ninguém tem a nomear, porque nada

tem com que as tarifas sejam as mesmas

ou outras e que nada tem a tratar

com o governo, mas sim com o seu

patrão, que é a Companhia. Trata da

questão dos passes, regalia de que o

pessoal não está disposto a abdicar.

Informa que o sr. Melo e Sousa declarou, sobre esta questão, que os pas-

se a quem concedidos só aproveitam

aqueles que fazem negócio, encenando

de volumes as carroagens, transforma-

das em vagões de mercadorias. Ainda

mais uma vez verbera acremente os

ferroviários que assim procedem. Ter-

mina pedindo à assembleia que se ma-

nifeste sobre a hipótese da Companhia

não atender as suas reclamações,

respondendo os assistentes ao orador

que a greve é que é o caminho.

Segue-se Abílio Correia, que lamenta

que o camarada presidente da Comis-

são de Melhoramentos tivesse faltado,

pois ele tudo sacrificou para vir,

não podendo deixar de pedir que na

acta ficasse exarado o seu protesto

perante a negligência daquele camara-

da. Não fazendo parte da Comissão de

Melhoramentos, limita-se a fazer algu-

mas observações sobre a organização,

pedindo a todos que não se desinter-

essem do seu sindicato, pois que é pre-

ciso preparar-nos para quando chegarem

até os clarões da Revolução, que já é im-

possível à Companhia atender o pessoal

na parte material.

Declara energicamente que o pessoal

ninguém tem a nomear, porque nada

tem com que as tarifas sejam as mesmas

ou outras e que nada tem a tratar

com o governo, mas sim com o seu

patrão, que é a Companhia. Trata da

questão dos passes, regalia de que o

pessoal não está disposto a abdicar.

Informa que o sr. Melo e Sousa declarou, sobre esta questão, que os pas-

se a quem concedidos só aproveitam

aqueles que fazem negócio, encenando

de volumes as carroagens, transforma-

das em vagões de mercadorias. Ainda

mais uma vez verbera acremente os

ferroviários que assim procedem. Ter-

mina pedindo à assembleia que se ma-

nifeste sobre a hipótese da Companhia

não atender as suas reclamações,

respondendo os assistentes ao orador

que a greve é que é o caminho.

Segue-se Abílio Correia, que lamenta

que o camarada presidente da Comis-

são de Melhoramentos tivesse faltado,

pois ele tudo sacrificou para vir,

não podendo deixar de pedir que na

acta ficasse exarado o seu protesto

perante a negligência daquele camara-

da. Não fazendo parte da Comissão de

Melhoramentos, limita-se a fazer algu-

mas observações sobre a organização,

pedindo a todos que não se desinter-

essem do seu sindicato, pois que é pre-

ciso preparar-nos para quando chegarem

até os clarões da Revolução, que já é im-

possível à Companhia atender o pessoal

na parte material.

Declara energicamente que o pessoal

ninguém tem a nomear, porque nada

tem com que as tarifas sejam as mesmas

ou outras e que nada tem a tratar

com o governo, mas sim com o seu

patrão, que é a Companhia. Trata da

questão dos passes, regalia de que o

pessoal não está disposto a abdicar.

Informa que o sr. Melo e Sousa declarou, sobre esta questão, que os pas-

se a quem concedidos só aproveitam

aqueles que fazem negócio, encenando

de volumes as carroagens, transforma-

das em vagões de mercadorias. Ainda

mais uma vez verbera acremente os

ferroviários que assim procedem. Ter-

mina pedindo à assembleia que se ma-

nifeste sobre a hipótese da Companhia

não atender as suas reclamações,

respondendo os assistentes ao orador

que a greve é que é o caminho.

A situação social na Itália

Palavras de Giolitti que definem a "vitória" da fiscalização operária—A atitude da União Sindical Italiana—Decresce a agitação?

Não temos recebido há dois dias jorna-
nais da Itália que nos permitam dizer
grande coisa do que por lá se passa.
As notícias que sabemos são-nos trans-
mitidas pelos jornais espanhóis e franceses,
parte delas já do nosso conhecimento.

Falam-nos alguns jornais na desocupa-
ção de algumas fábricas e compreende-se
que isso tenha sucedido, dada a atitude dos chefes, que quebraram a mo-
ral do operariado.

Mais uma vez se provou a superiori-
dade da ação direta sobre a ação
político-parlamentar. Com efeito, o bicho
movimento dos metalúrgicos que, nas
mãos sindicais teria levado o proletariado
italiano à sua completa emancipa-
ção do jugo patronal, tornou-se, nas
mãos dos burocratas da C. G. T., ver-
dadeiramente inútil, dele ficando ape-
nas uma grande lição para os trabalhadores
conscientes que nele tomariam parte.

Não temos elementos de segurança
que nos possam levar a afirmar que o
movimento de resistência da parte mais
do proletariado decresce, mas não
é difícil de conceber que isso se tenha
dado desde que as ordens dos fundo-
nários da C. G. T. são terminantes
nessa sentido. Estão perfeitamente de
acordo os dirigentes "gradualistas" e o
governo, que em uníssono intimam o
proletariado a desmobilizar, abando-
nando as fábricas aos antigos patrões.
Seria realmente quase uma loucura que
uma minoria consciente continuasse sa-
crificando-se a manter a agitação, quan-
do uma grande parte do proletariado,
embora de má vontade, se curvou já
ou está pronta a curvar-se às decisões
dos chefes da C. G. T.

Giolitti, que se juuga um grande ho-
mem mas cuja grandeza é feita da co-
bardia dos adversários, fez declarações
no Senado. Interessantíssimas essas de-
clarações, que não resistiram à tenta-
ção de traduzir, para que os leitores
possam avaliar da grande vitória que
foi para o proletariado a célebre fis-
calização nas fábricas. Eis como a aprecia
o presidente do governo italiano:

"O presidente do governo, depois de
dizer quais eram as causas imediatas do
mal estar social actual, justificou a sua
atitude, afirmando que o governo não
podia permanecer neutral, posto que
se tratava de uma questão de ordem
puramente económica entre o capital e
o trabalho.

"Enquanto os industriais—diz Gio-
litti—manifestaram a intenção de declarar o "lock-out", informei-os de que
não deviam contar com a intervenção
da polícia. Se assim não fizessem, os op-
erários teriam sem dúvida ocupado to-
das as fábricas.

"Ante um movimento que poderia
estender-se desse modo, e envolver
muitas centenas de milhares de operários,
nós não conseguíramos restabelecer a
ordem sem dar origem a sangrentos
conflictos ou até à guerra civil." O pre-
sidente do conselho garantiu depois ao
Senado que todos os operários culpa-
dos de crimes ou delitos particulares
serão desapiedadamente perseguidos.

"Abordando depois a questão da fis-
calização, sancionada por decreto, Gio-
litti declarou:

"Esta fiscalização terá por fim informar os operários acerca das condições
verdadeiras das indústrias e de impedir
que elas apresentem reivindicações exageradas. A fiscalização fará do op-
erário um associado e não um inimigo do
patrão. Deverá ele ser muito cuidadosamente estudada por todos os órgãos
economicos competentes e pelo parla-
mento; porém dela deverá sair uma
organização do trabalho de conformi-
dade com as exigências dos tempos mo-
dernos."

Pode o Senado estar descansado, po-
dem os conservadores sossegar, que os
operários culpados de crimes ou delitos
particulares serão desapiedadamente
perseguidos. Claro está que todos os
elementos mais activos do proletariado
italiano vão sofrer as consequências dos
seus crimes, dos seus delitos, lhe indicam
que os associados dêsses malvados.

Esfreguem as mãos os d'Aragona e
queijando com a sua obra...

A tam fala fiscalização é nada mais
nada menos do que pura colaboração
de classes: fará do operário um asso-
ciado e não um inimigo do patrão, i.e.,
lá do cordeiro o alfaio do lobo.

Quere dizer: tudo pior do que dan-
tes, e se os trabalhadores não reagem
imediatamente, sofrerão as consequências
de se terem deixado "vigilarizar" quando
podiam ditar ordens.

E afi é o que dão as grandes organizações com o seu sistema centraliza-
dor.

Lembra-nos, a propósito, de ter lido
em Humanità Nova, que numa
cidade qualquer da Itália se passou o
seguinte facto:

No respetivo quartel os soldados in-
subordinaram-se contra os superiores e
vieram para a rua aos gritos de "viva a
revolução social, etc. Dirigiram-se para a
Câmara do Trabalho, a fim de ali
reunirem e tomarem deliberações. Pois
o porto não os deixou entrar, sob o
pretexto de que não queria responsabilidades. E lá tiveram os pobres maga-
dras de ir novamente para a caserna, so-
frer talvez a consequência do seu gesto
e desalentadíssimos por verem como os
seus irmãos da oficina correspondiam
ao seu gesto nobre.

Abrir as portas aos soldados revol-
tados atifugou-se ao porto, operário
sindicado, uma quebra da disciplina,
da qual disciplina que ele está habituado
a ver dignificada nos jornais socia-
listas e pseudo-revolucionários e por
isso barrou-lhes o caminho. E do porto
ao secretário geral a mentalidade
é a mesma: disciplina e mais disciplina.

* * *

Contrastando com a atitude vergon-
hosa da C. G. T., a União Sindical Ita-
liana repudiou o convite do governo,

para se fazer representar nas célebres
comissões que hão de estudar a apli-

são que fôr à câmara municipal, a quem
o respetivo presidente declarou que a
comissão executiva não se ocuparia do
assunto sem os grevistas retomarem o
trabalho.

Em virtude da resposta não ser satis-
fatória, deliberou a assembleia votar a
greve geral da classe.

TRIBUNA LIVRE

Marinha mercante nacional

(Continuação do artigo publicado no
n.º 538.)

S. Ex.º mentiu ao fazer tais afirma-
ções, mentiu com a consciência própria
quando inventa para se defender.

Mentir é um crime.

S. Ex.º falton à verdade.
Mentira tam clara que ainda é esse
senhor não possuiu o coragem suficiente,
o levantamento de consciência, para
provar documentalmente que a marinha
mercante portuguesa tinha enfun-
tado com a 3.ª International de
Moscou, que a Liga dos Oficiais de Ma-
riña Mercante era um centro de agita-
ção revolucionária.

Prove S. Ex.º.
Tenha novamente um "encontro for-
tuito" com o redactor do jornal que
publicou essas infâmias e desminta.

Mentir, mente a criança.

Mentir, mente os homens, para
que a hora, a consciência, a nobreza
de sentimentos é uma palavra vã.

S. Ex.º mentiu ao dizer que «um ca-
pitão de marinha mercante, ganha por
mês 750\$00, fora alimentação e outras
vantagens».

Um capitão de marinha mercante au-
menta mensalmente 700\$00, 45\$00 de ração
diária quando no porto de Lisboa. As
vantagens a que S. Ex.º se refere, é me-
nos verdade.

Explique-se, que nós também faremos
explicações.

S. Ex.º disse que "o major general da
armada não ganha metade dessa
quantia".

O sr. major general da armada, cõ
modamente instalado na cadeira onde
se senta à secretaria para sómentes assi-
nar o que lhe põem na frente, não tem
os sonhos agitados, as noites perdidas,
as horas de tormento, as sucessivas se-
manas de temporal, para, sobre a pon-
te, esperar o momento que o navio sos-
sobre, que a morte venha!

Os sonos são felizes, talvez às vezes
interrumpidos por ameaças de enqua-
ca, filhos da sua idade.

A analisa a fazer as palavras proféri-
das pelo sr. presidente do ministério
está feita, embora não completa.

O futuro mais dirá.

Se desmantil categóricamente, for-
malmente as infâmias, as blasfêmias
que proferiu, ainda lhe poderemos per-
doar a discórdia que tem querido lan-
çar no meio do povo trabalhador e ho-
nesto.

Mas explica-se, porque S. Ex.º é
transmontane; explica-se por que o sr. António Granja quer à viva força con-
servar-se sóbrio o pedestal para onde o
atiraram.

Confidou, apesar de não sermos bom
conselheiro, podermos fazer-lhe uma
advertência de amigo: Granja, sr. Gra-
jo, Granja!...

J. Oliveira Maia ALCOFORADO.

Mixorredeiros e especuladores

Responderam ontem no governo ci-
vial João Baptista Gil, com mercadoria na
rua Andrade, 47, por vencer toucino
império para consumo, sendo conde-
nado na multa de 1.000 escudos, com
mais 20 00; António Martins, do Tur-
cifai, por conduzir numa carroça para
aquele localidade, toucinho em man-
estado, e Beneito Almeida Lopes, com
leitoria na rua da Graca, 105, por vender manteiga falsificada, sendo
ambos absolvidos por falta de provas.

Solidariedade que se impõe

Entre vários camaradas metalúrgicos,
constituíu-se uma comissão com o fim
de angariar recursos materiais para auxi-
liar as despesas a fazer com o trata-
mento dum pertinaz doente de que há
meses vem sofrendo a companheira do
camarada Francisco Viana, um dos vol-
tos militantes da organização metalú-
rgica.

Este nosso camarada, que se vê em sé-
rios embargos financeiros, para fazer
fronte às despesas de tratamento da sua
companheira, por quanto o especialista
que a trata lhe leva por cada período de
três meses 100\$00, está muito grato
à comissão de camaradas que muita tem
em conta as suas péssimas condições de
salário, pois que, como operário do
Estado, apenas auferiu 250\$00 por dia, o
que não é suficiente para a sua alimen-
tação, quanto mais para cumprir o seu
dever de minorar o sofrimento daquele
que tem acompanhado na vida e a quem
estremece. A comissão, por sua vez,
apela para todos os camaradas que tem-
ham em conta a situação do camarada
Viana, para que prestando a sua solidar-
iedade a quem a encontrar para a en-
contrar nequa morada.

Encontra-se à venda na Rua
da Bica do Sapato, 16-A

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Barreiro—E a reunião de as-
sembleia geral extraordinária, que foi muito
concorrida, apoiou-se o procedimento de
referido para com a organização juve-
nile total, assim como a sua des-
envolvida pelas autoridades locais que tem si-
do avançando a esperança de que
em breve as Juventudes Sindicalistas
constituíram uma força importante de vanta-
gem e consciência.

A comissão manifestou o seu voto de
apoio ao projeto do grande programma
de ideal anarquista, Neno Vasco, manifiesta-
do que continua vários papéis e a cader-
netas.

Procedeu-se à leitura das teses já publi-
cadas no Despertar que há de ser presentes
ao Congresso, sendo apreciadas e aprova-
das as Juventudes.

Encorajou-se a sessão entusiasmante,
com calorosas palavras de incitamento à
continuação da missão de que estão incumbi-
das.

A comissão administrativa reuniu ho-
je para votar.

Núcleo Metalúrgico—Entrei hoje, pelas
20 e meia horas, a comissão executiva, pe-
diendo a todos os camaradas para con-
tribuir a mesma hora, assim como o se-
cretário adjunto da comissão transacta.

Núcleo da Indústria de Calçado, Couros
e Peles.—Reuniu hoje, pelas 21 horas pre-
vistas, a comissão administrativa.

VIDA POLÍTICA

Centro Escolar Socialista de Alcântara.
—A fim de tratar de assuntos de alta impor-
tância, reuniu hoje, pelas 21 horas, a Ce-
mísia executiva deste centro juntamente
com os delegados ao Congresso, para o
que é pedido.

Encontra-se aberta a matrícula na esco-
la esteira para o próximo ano lectivo.
As aulas reabrirão no proximo dia 6 d'Outubro.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva
e Artur Rodrigues da Silveira, para inter-
vir no Município de Lisboa.

Núcleo Socialista de Santa Isabel—Foram
nominados delegados ao Congresso Extra-
ordinário, P. S. P. os sr. Mário da Silva<br